



Onair Nunes

ABAIXO O ÓDIO!

Este beijo é para o mundo todo; abracem-se aos milhões!
(BEETHOVEN — 9ª SINFONIA — ODE À ALEGRIA)

REPETIÇÃO DA EPÍGRAFE DA SEMANA PASSADA

Sócrates preferiu não cruzar o seu Rubicão e não desafiar o seu “senado” ao ser acusado pelos sofistas — seus inimigos ferrenhos, a quem verberava por mercantilizar o ensino — de corromper a juventude ateniense. Poderia ter fugido da prisão ajudado pelos amigos, que insistiram com ele para que o fizesse, e de quem contaria com toda a assistência após a fuga. Formal, assumiu que a lei deveria ser cumprida, uma confissão implícita, afinal de contas. Não lançou o dado, cumprindo passivamente a pena aplicada. Entre a cicuta que lhe foi imposta aos 70 anos, e o *alea jacta est*, de Caio Júlio Cesar, decorreram exatos 350 anos.

Sócrates, *apud* Platão, é um ícone da filosofia ocidental.

Em 49 AEC Cesar cruzou o seu Rubicão, pequeno curso d’água ao Norte da Itália que a delimitava com a Gália Cisalpina, uma linha divisória proibida de transposição, com isso desafiando o Senado Romano, conquistando a cidade da loba, regalias e o comando da cruel máquina de guerra romana que marcou o ocidente profundamente com mão de ferro, hábitos, práticas romanas e um sistema legal que se assentou definitivamente em nossa civilização.

José Carlos de Mattos Peixoto, Professor de Direito Romano do titular do blog, matéria eliminatória, que juntamente com a Introdução à Ciência do Direito, do Professor Benjamin de Oliveira Filho, não admitia dependência — a reprovação em Romano e/ou Introdução implicava na perda automática do ano —, costumava dizer que o advogado sem domínio do Direito Romano não se pode querer um advogado pleno. A eliminação do Latim dos graus escolares preparatórios e a extinção do ensino do Direito Romano, onde isso ocorreu, empobreceu cultural e tecnicamente o ensino do Direito.

2070 anos decorreram, então, até o terceiro Rubicão, o grande Rubicão dos tempos modernos, a pandemia do Coronavírus-19, que um “senado” formado pela criatura Mercado, pesados interesses globais, um olimpo com “o” minúsculo de deuses anões e um sistema de informações rendido ao seu poder distorcido não quer atravessado; por isso, partiu para a destruição dos césores contemporâneos, de suas ‘armas’ e, quem sabe? — é de ser rigorosamente apurado —, para a destruição maciça de gente, valendo tudo nessa proposta obscura, notícias falsas, mentiras, desinformação, tentativas de desmoralização de profissionais sérios e disposição para a ridicularização e demolição de quem não rasteja ante ele para com ele ombrear-se, um “senado” reptante e ensombrecido em seu pegajoso e repulsivo desiderato. Sua arma mais potente: A ocultação da verdade.

Alcançamos o que parece ser um ponto de não retorno, a completa desumanização da humanidade, na qual a única calculadora em operação é a do lucro sem limites e a qualquer preço, do poder econômico e do poder político. Gente deixou de ser gente em meio a um amplo cenário de esquisitices. Ocorre, contudo, que os inconformados da pandemia não pretendem agir como Sócrates, eles querem atravessar e atravessarão o Rubicão moderno, os mais determinados já o fizeram com suas ‘armas’ e seu *alea jacta est*. O “senado” não os cooptou.

(REPUBLICAÇÃO PARCIAL E REVISTA)

